

Artigo

Heróis ou mártires ?

Publicado: 25/03/2021

Daladier Pessoa Cunha Lima - Reitor do UNI-RN

Em conversa com um amigo, disse-lhe que as equipes de saúde de UTI deviam merecer atenções iguais às que são atribuídas aos tripulantes de aeronaves. E expliquei que os riscos do excesso da fadiga humana para a segurança de voo são os mesmos para os cuidados médicos aos pacientes graves. Sabe-se que o ser humano, em especial a mente humana, precisam alternar períodos corretos de trabalho e de repouso, a fim de manter um estado de alerta capaz de garantir ações rápidas e efetivas, no momento certo. Porém, na “prática a teoria é outra”, ou seja, existem muitos fatores que interferem para a não adoção de medidas tais como essas, para as equipes de saúde. São medidas fáceis de defender e difíceis de aplicar, até mesmo em tempos normais, quanto mais em tempos tão adversos como os que vivemos nos dias atuais.

Na vigência dessa terrível pandemia, talvez a pior de todas as pestes que já acometeram os seres humanos, estou sempre a pensar na angústia dos profissionais que atuam na linha de frente do combate à Covid 19. Em texto recente na Folha de S. Paulo, o médico e professor Carlos Magno Fortaleza, da Unesp, escreveu: “Desconsolados, assustados, cansados, muitas vezes acreditamos ter chegado ao limite. Nós vamos continuar, porque não há opção. (...) Atravessaremos noites transportando pacientes, conduzindo atendimentos de urgência e velando obsessivamente pela função respiratória de cada pessoa afetada pela peste.” O autor, então, cita o escritor Samuel Beckett (1906-1989), irlandês, Prêmio Nobel de Literatura de 1969, quanto à dúvida que aflige pessoas quando estão no limiar entre desistir ou manter a luta, e conclui: “E assim, exauridos, oscilando entre a fé e o desconsolo, no limite das nossas forças porém movidos pelo inescapável senso do dever, vamos em frente. (...) Sim, é preciso continuar”.

A enfermeira Cristiane Lamarão, de Porto Velho, é um exemplo das agruras que dominam os profissionais da saúde que trabalham em UPAs ou em hospitais voltados para o atendimento aos pacientes com Covid 19. O caso dela é de extremo sofrimento, pois ela perdeu o próprio marido, o enfermeiro Raimundo Lamarão, 51 anos, contaminado pelo vírus no dia a dia da profissão. Viúva, agora ela não conta com o esposo para dividir os cuidados dos filhos de 17, de 15 e de cinco anos. Cristiane lança um grito de alerta: “Vi colegas morrendo. Chego a intubar até quatro pacientes em um plantão. Perdi meu marido, estou com depressão”.

A Covid 19 pegou o mundo de surpresa, pois a atenção à saúde não é prioridade em quase todo o planeta. No Brasil, apesar do avanço do SUS, o semi-caos que se instalou nas UPAs e em muitos hospitais, com equipes sob intensa pressão física e psicológica, leva-nos à questão: esses profissionais são verdadeiros heróis, mas, em alguns casos, são verdadeiros mártires(?)

Os artigos publicados com assinatura não traduzem, necessariamente, a opinião da TRIBUNA DO NORTE, sendo de responsabilidade total do autor.